# Dá para desatar o nó do mundo?\* - 04/03/2016

De acordo com Schopenhauer, o “nó do mundo” seria o problema mente/corpo (que  
é estudado pela Filosofia da Mente). Mas, a mente é distinta do corpo? O  
\*\*dualismo\*\* afirma que sim: os estados mentais [conscientes] são distintos  
dos estados físicos; o \*\*materialismo\*\* aproxima mente e cérebro reduzindo os  
estados mentais a estados materiais. Os estados mentais são sentimentos,  
crenças, sensações e emoções conscientes; os estados materiais os processos  
físicos cerebrais, o comportamento, a condição física do corpo e órgãos.  
  
Para os dualistas, se somos conscientes dos estados mentais, eles não parecem  
ser “meramente” estados cerebrais ou físicos. Isso se dá mais pelo  
conhecimento que temos dos estados materiais e de como eles deveriam ser do  
que de como seriam realmente os estados não materiais. Historicamente, o  
dualismo foi pensado por Descartes como a divisão do homem em duas  
\*\*substâncias separadas\*\* : a mente com seus estados mentais e o corpo com  
seus estados físicos (assim parece pensar Foster\*\*). Nessa linha, há uma  
versão de dualismo mais recente (de Frank Jackson e David Chalmers) que  
defende que há \*\*somente uma substância\*\* , mas com um atributo (ou  
propriedade) mental, espiritual e outro material ou físico (na versão mais  
antiga, existiria a possibilidade de sobrevivência após a morte do corpo).  
  
Não há consenso no dualismo, também, no que se refere a possíveis relações  
causais entre a mente e o corpo. Para o senso comum haveria o  
\*\*interacionismo\*\* entre mente e corpo: causação de estados mentais por  
estados materiais e vice-versa. Por exemplo, sinto frio (corpo) e penso em  
vestir uma blusa (mente); acredito que vai chover (mente) e apanho um guarda-  
chuva (corpo). Aqui permanece a questão de explicar como coisas materiais  
interagem com coisas imateriais. Discordando do senso comum, para o  
\*\*epifenomenalismo\*\* (versão mais popular de dualismo atualmente), há apenas  
uma direção de causação, do material para o mental, já que, de outra forma,  
seria difícil explicar estados materiais não somente a partir de estados  
materiais. Há ainda o \*\*paralelismo\*\* , que defende que não há relação causal  
entre os estados, mas eles ocorrem em paralelo sendo preestabelecidos ou  
harmonizados por Deus.  
  
Já o materialismo reduz mente e estados mentais ao corpo e seus estados  
materiais (se é que haveria mente...). O \*\*behaviorismo lógico\*\* da metade do  
século passado defendeu que os estados mentais seriam “apenas” comportamentos  
ou disposições corporais (p.ex. estar com dor é tomar remédio). Entretanto,  
parece muito implausível negar a existência de estados mentais conscientes ou  
que eles não influam no comportamento. Para a \*\*teoria da identidade\*\* , os  
processos mentais são processos neurofisiológicos do cérebro.  
Independentemente das dificuldades de caracterizar estados mentais (que seria  
o caso do behaviorismo lógico que chamaria de vulgar o conteúdo dos conceitos  
de estados mentais) ou mesmo experimentá-los, independentemente da noção de  
cérebro, a identidade dos estados é uma descoberta empírica. Mas como ficam os  
conteúdos dos conceitos dos estados mentais, se não envolvem estados  
cerebrais? Há um conceito independente da coisa...  
  
Uma terceira visão materialista é o \*\*funcionalismo\*\* que, como a teoria da  
identidade, trata o conteúdo ou natureza dos estados mentais de forma neutra  
em relação a dualismo ou materialismo, entretanto acrescentando que são certos  
estados cerebrais que realizam os estados mentais. Para ela os estados mentais  
são estados funcionais que tem papeis causais. Aqui tudo é causal: a) uma  
experiência sensorial externa produz uma entrada que gera um estado mental, b)  
que interage com outros estados mentais, c) gerando uma saída comportamental  
externa. Não importa caracterizar o estado mental, mas verificar o seu papel.  
As teorias postas, optando pela última como sendo a mais simples, restaria  
explicar porque os estados neurofisiológicos parecem ser estados mentais  
[conscientes], por um lado sendo intencionais, como estados mentais sobre ou  
representando algo, como a mente compreende o mundo; por outro lado, os seus  
aspectos qualitativos, um caráter experiencial distintivo, um sentimento  
diferente do material.  
  
\*\*Estados mentais intencionais\*\*. Fodor\*\*\* aproxima os estados mentais aos  
estados funcionais de um computador, mas Searle argumenta que o computador  
manipula símbolos e jamais daria conta da intencionalidade dos estados  
mentais. O pensamento humano teria um significado intrínseco e o computador  
manipularia símbolos sem significado, enquanto Fodor insiste na possibilidade  
do computador ter pensamentos com conteúdo.  
  
\*\*Consciência qualitativa\*\*. E o caráter qualitativo da experiência  
individual? Seria possível conhecê-lo pela descrição material ou funcional de  
seus estados, seria possível descrever esse caráter de algum outro animal?  
Transformar estados mentais em estados físicos é negar esse caráter. Por outro  
lado, poderíamos tentar resolver as dificuldades do dualismo, buscando uma  
teoria de leis psicofísicas explicando a relação entre mente e corpo.  
  
\_\_\_\_\_\_  
  
\* Mentes e Corpos. In: FILOSOFIA – Textos fundamentais comentados. BONJOUR, L e BAKER, A. Universidade de Washington.  
  
\*\* John Foster (1941-) é professor da Universidade de Oxford. Ele tem escrito  
vastamente sobre metafísica e epistemologia, assim como sobre filosofia da  
religião e filosofia da mente.  
  
\*\*\* Jerry Alan Fodor (n. em 1935) é um filósofo e cientista cognitivo  
americano. In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jerry\_Fodor>.